

Ilusões: dos “Mamonas” ao computador

A percepção obrigatória de que a criança entende muito mais a realidade a sua volta do que a geração de seus pais deveria ter consequências educacionais

LEONARDO TREVISAN

Com quantas “Mamonas Assas-sinas” se faz uma canoa educacional? Não é preciso perguntar ao ministro, muito menos ao mais “na moda” dos pedagogos nacionais para conhecer a resposta: com nenhuma! E isso, sem nenhuma história censória como as praticadas pelas sempre redivivas “senhoras de Santana”, com seus muitos disfarces e máscaras. Eles, os “Mamonas”, não educam nem deseducam ninguém, pelo simples e bom motivo de que não existem para isso. Sua razão de ser é a diversão. A mais pura e simples. Perceber que o alegre grupelho tem lá muitas funções sociológicas (2), a primeira delas escancarar a hipocrisia nossa de cada dia, é uma coisa. Outra, bem diferente, é a obrigação de reconhecer que, depois de suas músicas, só os tolos ou os mal-intencionados ainda podem acreditar que a idade cognitiva de nossas crianças, em relação à faixa etária, ainda é a mesma de, digamos 20 anos atrás. Depois dos “Mamonas” é impossível dizer isso impunemente. Essa percepção obrigatória, pós-Mamonas, de que a criança entende muito mais a realidade a sua volta por *n* motivos — do que a geração de seus pais, deveria ter consequências educacionais. Em especial, se queremos pensar educação no futuro. Como não notar que o discurso pedagógico que praticamos (seja na sala de aula, seja no livro didático, seja especialmente no conteúdo curricular que exigimos) está absolutamente apartado da realidade em que vive a criança e o jovem? De nada adianta lembrar o surrado discurso de elite e massa para esse assunto, porque a mídia não está preocupada com isso e coloca tudo no mesmo barco. O garoto da favela e dos Jardins canta a mesma música, ri da mesma ironia. Deixando de lado o delírio censório que envolva sexo, na música dos “Mamonas” está uma crítica mordaz do que é “mau gosto”, ou daquilo que antigamente chamávamos de “programa de índio”. Quem ainda não se surpreendeu com o olhar sarcástico do filho para a “estética da Brasília amarela”, que nos certa a todo momento? Pois bem, a criança que percebe muito bem essa ironia ainda está obrigada a uma visão de mundo pedagógica do “Ivo vi a uva”, que permanece a mesma da primeira série do primeiro grau até o terceiro colegial. Com que resultados educacionais?

Quando se fala em resultados educacionais tudo fica ainda mais perigoso, porque junto aparecem as receitas. A mais recente, a que faz mais sucesso que os “Mamonas”, é o computador na educação. Não há pai que não sorria satisfeito quando a escola promete a instalação de uma sala de computação. Não há diretor de escola particular que ainda não tenha instalado a sua. Até o governo (federal e alguns estaduais) descobriu o filão e também faz as suas promessas. O computador vem aí — com toda uma parafernália eletrônica acessória — e a educação será salva. Como os preços de equipamentos de informática despençaram, chega até a ser pouco custosa tal pretensão. Comprado aos milhares então... Com isso, estamos todos tranqüilos: “estamos modernos” porque em cada escola deste País — inclusive, ou principalmente, nas públicas — haverá um “espaço informático”, com telinhas mil, conexões em tempo real, reuniões interativas e, é claro, antenas parabólicas. Se os “Mamonas” não educam nem deseducam ninguém, porque sua função não é essa, será que computador educa?

É preciso ficar claro que só um desmiolado pode dispensar a informática em nosso tempo. Não é essa a questão. Antes de mais nada é bom parafrasear o sr. Leon Trotsky (é, ele mesmo!), que tentando convencer os russos a se preocupar com a guerra dizia que o sujeito podia não estar interessado na guerra mas ela, a guerra, estava interessado nele. É a mesma coisa com a informática e as novas tecnologias. Ninguém pode querer se esconder delas. Principalmente quem lida com o futuro. Muito diferente é imaginar que basta colocar um computador na frente da criança, do jovem ou do professor,

ou pior ainda, que basta agulhar a curiosidade natural e a conviência com uma máquina ligada em rede, que se está “fazendo” educação. E da melhor qualidade possível! Ledo engano.

A maior parte desse engano — e talvez a mais grave — é imaginar o computador como muito melhor para educação que a discutida televisão, por exemplo, porque seu uso exige menos passividade. Não é bem assim. Não há estudos específicos, apenas artigos isolados, mas não são

poucos os educadores que já começam a perceber que o convívio intenso com o computador tolhe a criatividade, limita a socialização das crianças e, o que é muito mais relevante, as distâncias de formas mais criativas de brincar. Como é possível não notar que as idéias são fornecidas pelo soft da máquina e não pela cabeça da criança? A autora de um livro sobre televisão e criança, publicado nos anos 70 (Marie Winn, *A Droga Eletrônica*), chamada para analisar informática na educação lembrou que quando as crianças jogam antigos jogos convencionais elas acabam “inventando as próprias regras” e é essa criação que as ajuda a resolver problemas; para depois perceber: “no computador a máquina tem o poder total de fazer as regras”. Será que o mundo do futuro,

cuja óbvia principal exigência é a não-passividade — em todos os sentidos, principalmente profissional —, pode ter toda uma geração educada nela?

Há mais. Se esse empecilho existe — o incentivo à passividade — para um futuro educacional radiante via computador, por que de tanto sucesso da máquina? Desconfianças, as mais sórdidas, começam a aparecer. Os editores de softs educacionais nos Estados Unidos querem cada vez mais produtos que atraíam as crianças e “não exijam a assistência dos pais”. Esse “mau cheiro” educacional já é bem

conhecido em nosso tempo! Há um papel de “baby sitter filosófico-educacional” no computador que não pode ser desprezado. Os pais se autodispensam de discutir e se envolver na Educação dos filhos porque enfim os colocaram em uma escola que tem até computador! O governo descobriu o mesmo truque. Pais e governo conseguiram o álbi ideal: quem pode ser contra o computador em nosso tempo. Pura safadeza de ambos. A

questão, em absoluto, não é essa. Do mesmo modo que os “Mamonas” não educam nem deseducam porque essa não é sua função, o com-

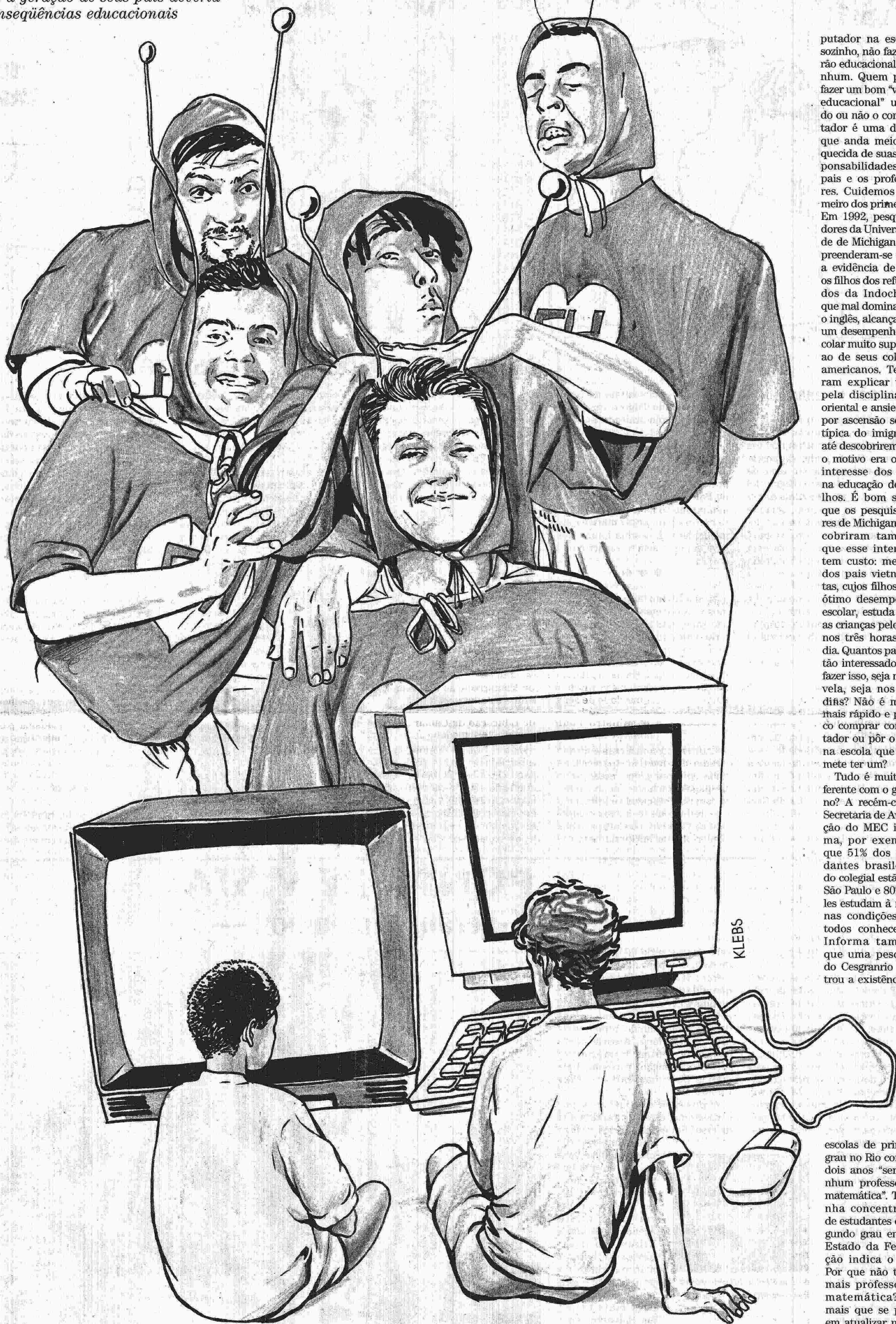
mputador na escola, sozinho, não faz “verão educacional” nenhum. Quem pode fazer um bom “verão educacional” usando ou não o computador é uma dupla que anda meio esquecida de suas responsabilidades: os pais e os professores. Cuidemos primeiro dos primeiros. Em 1992, pesquisadores da Universidade de Michigan surpreenderam-se com a evidência de que os filhos dos refugiados da Indochina, que mal dominavam o inglês, alcançavam um desempenho escolar muito superior ao de seus colegas americanos. Tentaram explicar tudo pela disciplina do oriental e ansiedade por ascensão social, típica do imigrante até descobrirem que o motivo era outro: interesse dos pais na educação dos filhos. É bom saber que os pesquisadores de Michigan descobriram também que esse interesse tem custo: metade dos pais vietnamitas, cujos filhos tem ótimo desempenho escolar, estuda com as crianças pelo menos três horas por dia. Quantos pais estão interessados em fazer isso, seja na favela, seja nos Jardins? Não é muito mais rápido e prático comprar computador ou pôr o filho na escola que promete ter um?

Tudo é muito diferente com o governo? A recém-criada Secretaria de Avaliação do MEC informa, por exemplo, que 51% dos estudantes brasileiros do colegial estão em São Paulo e 80% deles estudam à noite, nas condições que todos conhecemos. Informa também que uma pesquisa do Cesgranrio mostrou a existência de

escolas de primeiro grau no Rio com até dois anos “sem nenhum professor de matemática”. Tama-nha concentração de estudantes de segundo grau em um Estado da Federação indica o quê? Por que não temos mais professor de matemática? Por mais que se pense em atualizar nossos



ENSINO PODE MELHORAR PELA AÇÃO DE PAIS E PROFESSORES



KLEBS

■ Leonardo Trevisan é professor da PUC-SP e editorialista do “Estado”